

## As Veredas de João Guimarães Rosa: a vida antes do texto, a vida do texto e o texto na vida — pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Alexandre Medeiros<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo investiga a vida e obra de João Guimarães Rosa a partir do acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – BN

**Palavras – chave:** João Guimarães Rosa. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - BN. Educação. Grande Sertão: Veredas.

**Abstract:** This article investigates the life and work of João Guimarães Rosa based on the collection of the Digital Newspaper and Periodicals Library (The Brazilian National Library - BN).

**Keywords:** João Guimarães Rosa. Digital collection of the Digital Newspaper and Periodicals Library (The Brazilian National Library - BN). Education. Grande Sertão: Veredas.

### Introdução

O presente artigo é parte da pesquisa que venho desenvolvendo nos últimos anos em relação a João Guimarães Rosa e sua obra. O objetivo é pesquisar a obra em três aspectos: *a vida antes do texto, a vida do texto e o texto na vida* (JOSGRILBERG, 2017).

Na primeira parte, analisaremos *a vida antes do texto*. Buscaremos responder à pergunta: quem é o autor? Nesse primeiro momento, o discurso literário será investigado arqueologicamente<sup>2</sup>; por isso, o texto em si não será analisado, mas considerado como expressão do autor. Nessa perspectiva, a função autoral será examinada como o sujeito por trás do discurso, sujeito que projeta no texto sua

---

<sup>1</sup>Pós – Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP.

<sup>2</sup>A arqueologia, diferentemente da hermenêutica, não busca o sentido oculto nem a intenção do autor, mas descreve as condições históricas de possibilidade dos discursos. Trata-se de uma análise das regularidades, descontinuidades e transformações que produzem novas formas de saber (FOUCAULT, 2008).

individualidade e seu eu. Nesse sentido, é que a autoria poderá ser analisada (MACHADO, 2000, p. 121-122).

Na segunda parte investigaremos *a vida do texto*, buscando a essência da obra, a natureza fundamental, o coração que dá vida ao texto de Guimarães Rosa. Para isso, adotaremos a crítica literária como intermediária entre o escritor e o leitor. Pesquisaremos na imprensa brasileira, os textos e análises decorrentes dessas primeiras leituras. Exploraremos em fontes primárias os principais artigos contendo o entrelaçamento dos primeiros textos, com fios e pontos que se cruzam e se conectam e formam um texto segundo, que juntos constroem a crítica literária (FOUCAULT, 2000, p. 155 – 157).

Na terceira parte dessa pesquisa, buscaremos *o texto na vida* através de um diálogo com a *Magnum Opus* de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* de 1956. O objetivo é aproximar-nos da obra, juntamente com as análises dos intelectuais que recepcionaram o texto na época, buscando novas possibilidades de leitura e releitura para suscitar reflexões que façam sentido e significado.

A metodologia utilizada será a pesquisa no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – BN.

### **A vida antes do texto**

João Guimarães Rosa nasceu no dia 27 de junho de 1908, em Cordisburgo, interior de Minas Gerais, filho de Florduardo Pinto Rosa e Francisca Guimarães Rosa.

“Em menino eu gostava de isolamento. Trancava-me no quarto, deitava-me no chão a imaginar histórias. Acho que na vida da criança existe um excesso de adultos invadindo” (Revista Manchete – RJ – 1/6/1963).

João Guimarães Rosa realizou seus estudos primários na própria cidade de Cordisburgo.

Rosa sempre teve grande pendor para línguas. Seu primeiro professor foi seu Candinho e o franciscano frei Esteves, que o introduziu no francês (Revista Manchete – RJ – 1/6/1963).

Em 1918 mudou-se para a casa de seus avós em Belo Horizonte para continuar os estudos. Ingressou na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, onde obteve o título de médico em 1930. Depois de formado, mudou-se para o município de Itaguara - MG, onde permaneceu por dois anos. “Fui exercer a Medicina, durante dois anos, em Itaguara”. Rosa atendia pacientes em lugares distantes, ia montado a cavalo. “Eu não podia aceitar, por exemplo, que doente meu morresse!” (Revista Manchete – RJ – 1/6/1963).

Em 1932 voltou para Belo Horizonte para servir como médico da Força Pública, durante a Revolução Constitucionalista. Em 1934, em Barbacena, foi oficial-médico do 9º Batalhão de Infantaria (Revista Manchete – RJ – 1/6/1963). Guimarães Rosa alcançou a patente de Capitão da Força Pública, enquanto seu contemporâneo Juscelino Kubitschek, a de Coronel da Força Pública (Revista Manchete – RJ – 1/6/1963).

Guimarães Rosa “vivia estudando línguas” (Revista Manchete – RJ – 1/6/1963). Em 1934 vai para Rio de Janeiro e presta concurso para o Itamaraty (Jornal do Brasil - RJ – 27/05/1934). Em 27/06/1934, Rosa aparece inscrito na prova de alemão, ainda como exame parte do mesmo concurso do Itamaraty (Jornal do Brasil - RJ – 27/06/1934). Culto, sabia falar mais de nove idiomas e foi aprovado em 2º. Lugar no concurso para Embaixador (Jornal do Brasil - RJ – 13/07/1934). No mesmo ano toma posse no Itamaraty e é nomeado Consul no Palácio do Catete – RJ (Jornal do Brasil - RJ – 27/07/1934).

Em 1936 Guimarães Rosa participou de um concurso ao Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras, com a coletânea de contos *"Magma"* (Correio da Manhã – RJ – 24/08/1947). Mesmo conquistando o primeiro lugar na Academia, jamais publicou o livro (Revista Manchete – RJ - 1/6/1963).

Em 1938 Guimarães Rosa participou do concurso literário Humberto de Campos da Livraria José Olympio, com o pseudônimo *Viator*. Na oportunidade apresentou um espesso livro de contos (um esboço de *Sagarana*). Graciliano Ramos que era membro da comissão julgadora votou contra o livro de Rosa, que foi derrotado por um voto, ficando em segundo lugar no concurso (RAMOS, 2016).

“Como Embaixador esteve em Paris, Bogotá e Hamburgo” (Manchete – RJ – 1/6/1963). No cargo de cônsul - adjunto do Brasil em Hamburgo, na Alemanha (1938 e 1942), Guimarães Rosa conheceu Aracy Moebius de Carvalho, funcionária do Itamaraty. Aracy era chefe da seção de passaportes do consulado brasileiro em Hamburgo. Ela facilitou a concessão de centenas de vistos para as famílias de judeus escaparem da morte nos campos de concentração de Hitler. Ela desafiou o antisemitismo velado nos bastidores do governo de Getúlio Vargas<sup>3</sup>. Aracy e Guimarães Rosa foram investigados pelas autoridades do Brasil e da Alemanha. Dizia Guimarães para Aracy: “um dia você desaparece” (Tribuna da Imprensa - RJ – 07/11/1983).

---

<sup>3</sup> Vale destacar que esses vistos eram contra a ordem do governo brasileiro. Uma vez que durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil, sob o governo de Getúlio Vargas, havia orientação clara para negar vistos aos judeus que fugiam do nazismo por uma combinação de políticas restritivas, xenofobia e antisemitismo enraizados em sua burocracia. Essas ações faziam parte de uma política de imigração seletiva que visava brancos e cristãos europeus, excluindo outros grupos étnicos. O governo Vargas, especialmente a partir de 1937 com o Estado Novo, implementou políticas com base em teorias eugenistas e nacionalistas. A meta era branquear a população brasileira e promover uma visão específica de identidade nacional, o que fez com que judeus, negros e asiáticos fossem considerados indesejáveis” (CARNEIRO, 2018).

Aracy de Carvalho Guimarães arriscava sua vida andando pelas ruas de Hamburgo, repleta de soldados nazistas, para levar alimento para alguma criança faminta que estava escondida em algum canto da cidade (Tribuna da Imprensa - RJ – 08/11/1983).

Pedro Bloch<sup>4</sup> escreve na Revista Manchete:

“A Aracy, sua esposa, Guimarães Rosa trata de Ara. É a ela que ele dedica o *Grande Sertão*, sua obra máxima. Com ternura, certo dia, me conta o que ela fez, ao seu lado, para salvar os perseguidos do nazismo. Deixava de comer para socorrer. Muita gente ainda chora, ao [se] deparar com Aracy e Guimarães Rosa” (Revista Manchete – RJ – 1/6/1963).

Em 03/06/1982, Aracy de Carvalho Guimarães (1908 – 2011), o *Anjo de Hamburgo*: foi homenageada como “justa entre as nações”<sup>5</sup> pelo “Instituto Yad Vashem” (Tribuna da Imprensa - RJ – 07/11/1983).

Em 1946, João Guimarães Rosa publica *Sagarana*, volume de contos que retrata a vida nas fazendas mineiras. O estilo era absolutamente novo, a paisagem mineira ressurgia viva e colorida, as personagens expressavam o pitoresco de sua vida regional. *Sagarana* se transforma rapidamente em sucesso de crítica e público (O Jornal – RJ – 21/4/46).

Para Álvaro Lins<sup>6</sup> foi “uma grande estréia” (Correio da Manhã – 12/04/1946). Segundo Antonio Cândido<sup>7</sup>:

O Sr. Guimarães Rosa, cuja vocação de virtuose é inegável – parece ter querido mostrar a possibilidade de chegar à vitória partindo de uma série de condições que conduzem geralmente ao fracasso. Ou melhor: todos os fracassos dos seus predecessores se transformaram, em suas mãos, noutros tantos fatores de vitória (O Jornal – RJ - 21/07/1946).

A revista O Cruzeiro (RJ) – 18/05/1946 – destaca que “estamos diante de um esplêndido escritor”.

Sagarana é um ótimo livro. Assim com cheiro de mato, cheiro de terra batida de chuva, quando o sol esquenta. Minas e sua gente simples

<sup>4</sup>. Pedro Bloch (1914-2004) foi um médico, jornalista, compositor, poeta, dramaturgo e autor de livros infanto-juvenis. Russo naturalizado brasileiro. Escreveu mais de cem livros.

<sup>5</sup>. Yad Vashem: The World Holocaust Remembrance Center: <https://collections.yadvashem.org/en/righteous/4014490> - acesso 13/10/25

<sup>6</sup>. Álvaro de Barros Lins (1912-1970) foi um advogado, jornalista, professor e crítico literário brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras.

<sup>7</sup>. Antonio Cândido de Mello e Souza (1918-2017) foi um sociólogo, crítico literário e professor universitário brasileiro.

aparecem aí em bem cortados blocos líricos (O Cruzeiro - RJ – 18/05/1946).

Em 1947, Rosa realizou excursões pelos Estados do Mato Grosso (MT/MS) e escreveu uma reportagem poética, "Com o Vaqueiro Mariano", publicada no Correio da Manhã – RJ – 28/10/1947.

Em 1952, Rosa realizou uma importante expedição pelo interior dos Campos Gerais, região que engloba as fronteiras dos Estados de Minas Gerais, Bahia e Goiás (Revista O Cruzeiro – RJ de 04/12/1954). A revista cobriu a aventura e trouxe a matéria: "Um escritor entre seus personagens". Narrando tudo dos Campos Gerais, as andanças de Rosa pelo sertão em busca de material literário (O Cruzeiro - RJ - 21/6/1952).

A revista acompanhou Rosa e os oito vaqueiros levando 300 cabeças de gado. A comitiva percorreu em dez dias os 240 quilômetros que separam Araçaí e Três Marias, na região central de Minas Gerais. O médico, diplomata e escritor levava pendurada no pescoço uma caderneta onde anotava tudo que via e ouvia – as conversas com os vaqueiros, as sensações, as dificuldades e tudo que vivenciou naquele mundo, o que marcaria sua vida e sua obra (O Cruzeiro - RJ - 21/6/1952).

No dia 16 de maio de 1952, a caravana chegou à fazenda Sirga, de seu primo Francisco Moreira, em Três Marias. Seguindo a viagem, percorreu várias fazendas e vilarejos da região vivendo o dia a dia dos vaqueiros. Próximo a Cordisburgo, sua cidade natal, Guimarães se reuniu com uma equipe da revista, que cobria a viagem (O Cruzeiro - RJ - 21/6/1952).

[Guimarães Rosa] chegava ao país dos Gerais, essa nação de gente – que é a nossa gente – apreciadora de roça e criação. Tinha barba de três dias, vermelhão de sol e requeimado ao mais pela poeira do sertão [...] Nas beiras do São Francisco [...] Houve missa na Capelinha [...] A viagem fora programada para 11 dias pelo capataz Manuelzão – cidadão experimentadíssimo nas lidas (O Cruzeiro - RJ - 21/6/1952).

Dessa empreitada foram reunidas anotações em dois diários que hoje fazem parte do acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo - IEB. Essas notas foram utilizadas como elementos de duas obras-primas: *Corpo de Baile* (1956) e *Grandes Sertões: Veredas* (1956).

O diário da viagem que Rosa fez em 1952 (muitas dessas anotações) serviriam posteriormente para a redação de *Corpo de Baile*, os originais que revelam o escritor lapidando cada palavra, lendo e

relendo. Um apuro de um escritor artesão e que tornou sua obra uma arte universal<sup>8</sup>.

Após dez anos de sua estreia literária com *Sagarana* em 1946, o escritor publica *Corpo de Baile*<sup>9</sup> em 1956. Reproduzo aqui um recorte do texto que Raquel de Queiroz escreveu sobre *Corpo de Baile* (Revista: O Cruzeiro – RJ – 30/6/1956).

Ninguém hoje pode negar que esse João Guimarães Rosa é um dos casos mais importantes da literatura nacional. O homem é realmente um fenômeno e mesmo os que, por acaso ou limitação, não lhe amarem a prosa singularíssima, têm que reconhecer nele uma personalidade única (Revista: O Cruzeiro – RJ – 30/6/1956).

No mesmo ano de 1956, enquanto o editor José Olympio imprimia a primeira Edição em dois volumes de *Corpo de Baile* de João Guimarães Rosa, o manuscrito original de *Grande Sertão: Veredas* era entregue para a Editora. “Dizem que esse livro será uma espécie suplementar de *Sertões* de Euclides da Cunha” (Correio da Manhã - RJ - 04/01/1956).

Ainda não se passaram cinco meses do lançamento do discutidíssimo *Corpo de Baile* (para uns: obra-prima; para outros: equívoco literário). O escritor mineiro entrega aos leitores nova obra, que é também seu romance de estreia: *Grande Sertão: Veredas*, que desde ontem se encontra nas livrarias sob a responsabilidade editorial de José Olympio. São 594 páginas maciças que representam – a exemplo de *Corpo de Baile* – uma revolução completa na sintaxe, Capa – muito bonita – de Poty (Correio da Manhã – RJ - 13/07/1956).

Em 1958 Guimarães foi promovido a embaixador pelo então Presidente da República Juscelino Kubitschek (1902 – 1976). Na ocasião optou por não sair do Brasil e permanecer no Rio de Janeiro. Em entrevista a Cristina Autran (Jornal do Brasil – RJ) em julho de 1967, Rosa diz que Kubitschek (Presidente de 1956 até 1961) ligou para ele e disse: “Sargento Rosa, aqui é o Praça Juscelino, acabo de nomeá-lo embaixador” (Jornal do Brasil - RJ – 07/07/1967).

Pedro Bloch teve uma conversa com Guimarães Rosa (Revista Manchete – RJ – 1/6/1963). Destaco aqui alguns trechos:

Quando eu saio montado num cavalo, por minha Minas Gerais, vou tomado nota das coisas. O caderno fica impregnado de sangue de

---

<sup>8</sup>.IEB-USP, <https://jornal.usp.br/cultura/acervo-da-usp-conta-a-trajetoria-de-guimaraes-rosa/> - acesso 21/10/25

<sup>9</sup>.A obra *Corpo de Baile* foi publicada em dois volumes, mais tarde dividida em três: *Manuelzão e Miguilim, No Urubuquaquá, no Pinhém e Noites do Sertão*.

boi, suor de cavalo, folha machucada. Cada pássaro que voa, cada espécie, tem vôo diferente. Quero descobrir o que caracteriza o vôo de cada pássaro, em cada momento. E com embevecimento: Não há nada igual neste mundo. Não quero palavra, mas coisa, movimento, vôo. Você sabe Pedro Bloch, nunca se pode fazer lista das melhores coisas da vida. A razão é simples: se elas chegam de repente... falta preparo; se as prevemos... fica sendo cópia.

Sempre fui místico. Tudo tem causa. A religião não está na bondade. Bondade é acessório, comprehende?

A fé é criadora [...] Só acredito no eterno [...] Tenho tanta confiança que minha obra vai crescer com o tempo que sua divulgação não me preocupa.

A cidade grande desumaniza... mas depois, humaniza num plano mais alto. Detesto o cotidiano. Para mim é um suplício comer, fazer a barba, vestir. O todo-dia é um inferno [...] Vivo para uma coisa maior, um vir-a-ser de uma natureza diferente. A arte permite isso. Permite essa transformação.

Em 1963 Rosa foi eleito por unanimidade para a Academia Brasileira de Letras (Jornal do Brasil - RJ – 08/08/1963). Segundo Haroldo de Campos<sup>10</sup>, Rosa ouviu de uma vidente ou cartomante que ao receber um importante prêmio ele iria falecer (CAMPOS, 2014). Guimarães Rosa foi indicado para a cadeira número 2 da ABL em 06 de agosto de 1963, mas protelou sua posse até 16 de novembro de 1967 (Jornal do Brasil – RJ – 17/11/1967).

Alguns dias antes da investidura para Academia Brasileira de Letras, João Guimarães Rosa estava visivelmente muito emocionado ao visitar a ABL para as últimas providências da cerimônia. O Jornal do Brasil (RJ) de 10/11/1967 destaca que além da emoção da sua posse em si, também estava emocionado com o lançamento do primeiro livro de sua filha Vilma Guimarães Rosa, “Acontecências” que também iria ocorrer nos próximos dias.

Participaram da posse de João Guimarães Rosa na ABL na quinta-feira do dia 16/11/1967, o Ex-Presidente da República Juscelino Kubitschek. No discurso de posse Rosa disse: “a gente morre para provar que se viveu”, emendou ainda, “as pessoas não morrem, ficam encantadas”. No seu discurso disse que “Cordisburgo é pequena terra sertaneja, trás montanhas no meio de Minas Gerais – só quase lugar [...] mas tão de repente bonita” (Jornal do Brasil – RJ – 17/11/1967).

---

<sup>10</sup>Haroldo Eurico Browne de Campos (1929-2003) era poeta, professor e tradutor. Graduou-se na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, doutorou-se pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, sob orientação de Antonio Cândido. Foi professor da PUC-SP.

Três dias depois, no domingo dia 19/11/1967 às 20h e 50 minutos, a família chegou da missa, a netinha Laura Beatriz entrou e foi direto levar pipoca para o “Vovô Beleza” (Revista Manchete – RJ – 1/6/1963), que estava sentado, sério na sua cadeira de trabalho. Depois de algumas tentativas sem sucesso, chamou a avó que ainda fechava a porta da casa, para dizer que o avô não estava respondendo. Quando chegaram os adultos, perceberam que João Guimarães Rosa havia falecido (Jornal do Brasil – 21/11/1967).

João Guimarães Rosa era um homem elegante e discreto. Alto, imponente, trajava ternos bem cortados, colarinhos impecáveis, arrematados pela indefectível gravata borboleta (NASCIMENTO; SILVA, 2023). Certa vez Pedro Bloch lhe perguntou: “Por que você usa gravata borboleta?”. Guimarães respondeu: É porque nunca aprendi a dar laço nas gravatas comuns. Acho esta mais fácil (Revista Manchete – RJ – 1/6/1963). No dia 20/11/1967 Rosa foi sepultado no mausoléu da Academia Brasileira de Letras – ABL, no Cemitério São João Batista – RJ (Jornal do Brasil – RJ – 21/11/1967).

Homenagem de Carlos Drummond de Andrade por ocasião da morte de João Guimarães Rosa - O Correio da Manhã - RJ – 22/11/1967:

Um chamado João  
João era fabulista?  
fabuloso?  
fábula?  
Sertão místico disparado no exílio da linguagem [comum?  
Projetava na gravatinha a quinta face das coisas, inenarrável narrada?  
Um estranho chamado João para disfarçar, para forçar o que não  
ousamos [compreender?  
Tinha pastos, buritis [plantados  
no apartamento?  
no peito?  
Vegetal ele era ou [passarinho  
sob robusta ossatura com [pinta  
de boi risonho?  
Era um teatro e todos os artistas  
no mesmo papel, ciranda multívoca?  
João era tudo?  
tudo escondido, florindo  
como flor é flor, mesmo não [semeada?  
Mapa com acidentes deslizando para fora, [falando?  
Guardava rios no bôlso, cada qual com a côr de [suas águas?  
sem misturar, sem [conflitar?  
E de cada gota redigida  
nome, curva, fim,  
e no destinado geral

seu fado era saber  
para contar sem desnudar  
o que não deve ser [desnudado  
e por isso se veste de véus [novos?  
Mágico sem apetrechos,  
civilmente mágico, [apelador  
e precípites prodígios [acudindo  
a chamado geral?  
Embaixador do reino  
que há por trás dos reinos,  
dos podéres, das supostas fórmulas  
de abracadabra, sésamo?  
Reino cercado  
não de muros, chaves, [códigos,  
mas o reino-reino?  
Por que João sorria  
se lhe perguntavam  
que mistério é êsse?  
E propondo desenhos [figurava  
menos a resposta que outra questão ao [perguntante?  
Tinha parte com... (não [sei  
o nome) ou ele mesmo era  
a parte de gente  
servindo de ponte  
entre o sub e o sobre  
que se arcabuzeiam  
de antes do princípio,  
que se entrelaçam  
para melhor guerra,  
para maior festa?  
Ficamos sem saber o que [era João  
e se João existiu  
de se pegar (O Correio da Manhã - RJ – 22/11/1967).

Guimarães Rosa disse a Pedro Bloch: “Eu acho que todas as coisas acontecem como se estivessem preparadas antes” (Revista Manchete – RJ – 1/6/1963).

O escritor Jorge Amado manteve durante anos,

...longas e animadas conversas telefônicas com Guimarães Rosa, sem, no entanto jamais se terem visto, nunca terem se encontrado, embora morando na mesma cidade do Rio de Janeiro, em bairros vizinhos. Foi preciso que um dia Pedro Bloch, médico e escritor, amigo fraterno de ambos, os reunisse num almoço em sua casa. Pedro Bloch não sabia que os dois convivas não se conheciam pessoalmente, assistiu com a

maior surpresa aos abraços efusivos dos romancistas ao se verem pela primeira vez (GATTAI, 2011, p. 45).

Quem é o autor? João Guimarães Rosa foi “grande escritor, grande diplomata, grande figura humana, e grande amigo” (Jornal do Brasil - RJ – 08/08/1963). Tinha “aversão por regimes autoritários e totalitários”. Homem do sertão e do mundo, que não podia presenciar injustiças, (NASCIMENTO; SILVA, 2023, p. 92-94). “Ficamos sem saber o que era João e se João existiu de se pegar” (Carlos Drummond de Andrade - O Correio da Manhã - RJ – 22/11/1967).

### A vida do texto

Disse João Guimarães Rosa a Pedro Bloch, “se eu pudesse só poria na capa as críticas” (Revista Manchete – RJ – 1963). Seguindo o desejo de Rosa, buscaremos *a vida do texto* através da crítica literária.

Em 1938 Graciliano Ramos<sup>11</sup> foi membro da comissão julgadora do concurso literário Humberto de Campos da Livraria José Olympio. Na oportunidade votou contra o espesso livro de contos do *Viator*, pseudônimo que Guimarães Rosa utilizou na época do concurso. O mistério sobre o escritor derrotado no concurso era tão grande que a Livraria José Olympio solicitou que Graciliano escrevesse uma crônica (RAMOS, 2016):

Viator não se manifestou, até hoje permanece em rigoroso incógnito [...] Ora, esse silêncio não é razoável. Em virtude da decisão do júri, muita gente supõe que o concorrente vencido seja escritor de pequena valia. Injustiça: apesar dos contos ruins e de várias passagens de mau gosto, esse desconhecido é alguém de muita força e não tem o direito de esconder-se. Prudente de Moraes acha que ele fez alguns dos melhores contos da língua portuguesa (RAMOS, 2016).

A crítica literária sempre foi importante para Guimarães Rosa. Antonio Callado<sup>12</sup> (2014) em conversa com Rosa no Itamaraty verificou um caderno onde o escritor colava todas as críticas que eram publicadas na imprensa. As críticas negativas eram coladas de cabeça para baixo e as positivas na posição correta. Quando um crítico mudava de opinião, Rosa colocava as críticas anteriores na posição normal.

Em 1946 quando *Sagarana* foi lançado Graciliano Ramos escreveu:

Vejo, agora, relendo *Sagarana* que o volume de quinhentas páginas emagreceu bastante e muita consistência ganhou em longa e paciente

---

<sup>11</sup>.Graciliano Ramos de Oliveira (1892-1953) foi um romancista, cronista, contista, jornalista, político e memorialista brasileiro, considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira. Escrevia no O Malho e Correio da Manhã – RJ.

<sup>12</sup>.Antonio Carlos Callado (1917-1997) foi um jornalista, romancista, biógrafo e dramaturgo brasileiro.

depuração. Eliminaram-se três histórias, capinaram-se diversas coisas nocivas. As partes boas se aperfeiçoaram, [...] sobretudo, *A hora e a vez de Augusto Matraga*, que me fez desejar ver Rosa dedicar-se ao romance [...] Certamente ele fará um romance, romance que não lerei, pois, se for começado agora, estará pronto em 1956, quando os meus ossos começarem a esfarelar-se (RAMOS, 2016)<sup>13</sup>.

Quando os textos de Rosa começaram a surgir os críticos não compreendiam a complexidade de sua obra. A maioria das críticas era em torno da linguagem utilizada. José Carlos de Oliveira<sup>14</sup>, um desses críticos, escreveu (Jornal do Brasil - RJ – 11/06/1960):

Uma figura do porte de João Guimarães Rosa; por exemplo, enquanto nos oferece um retrato idealizado da natureza (seus cangaceiros são artificiais), por meio duma linguagem complicadíssima, em que a mutilação e a distorção ocupam o primeiro plano, acredita que uma atitude individual recatada seja a mais certa; Entretanto não posso deixar de ver em seu silêncio uma tentativa de nos convencer de que sua literatura é normal. Mas a mutilação e a distorção sem revolta, raiva ou desprezo, implica num estado de demência, que não se coaduna com a lucidez de propósito, sem a qual, não se é um verdadeiro artista. Quando se perde de vista a moral, perde-se de vista, a própria literatura; quando se mutila um idioma, sem aceitar as graves implicações e consequências, não é possível que se pretenda ser levado a sério e que se espere admiração em vez de piedade. Na verdade, João Guimarães Rosa procura estabelecer a ordem no caos; E para fundar essa ordem, não hesita em desfigurar a verdade e castigar a golpes de foice as palavras [...] Como admitir que seu propósito seja, efetivamente fazer literatura, [fazer] frases bonitas, contar histórias – coisa que de qualquer modo, só devem interessar aos idiotas? (Jornal do Brasil - RJ – 11/06/1960).

A obra de Guimarães Rosa é cravada no detalhe dos relatos e narrativas, com grande criatividade linguística. Rosa escrevia contos regionais, como se estivesse elaborando um texto científico, tamanha era a riqueza de detalhes que saiam de suas

---

<sup>13</sup>. Graciliano Ramos morreu em 1953 e Grande Sertão: Veredas foi lançado em 1956.

<sup>14</sup>. José Carlos Oliveira (1934-1986) foi um escritor brasileiro. Celebrizando-se por suas colaborações diárias no Jornal do Brasil – RJ para onde escreveu por mais de duas décadas, tornou-se um dos grandes cronistas brasileiros do século XX, mas praticou também o romance e o memorialismo. Boêmio pobre e talentoso. Preferia chamar a si mesmo de Carlinhos Oliveira: cristão, católico apostólico romano, pagão, filho de Iemanjá, o mais ecumênico dos ateus, brasileiro por fatalidade, temperamento e vocação, apenas dois dedos maior que Napoleão Bonaparte, com o coração de Gauguin, o fugitivo, o liberado, o inocente, o doido, expressões com que se autodefiniu em crônica bem humorada. Foi um defensor do livre pensamento, sem temer polêmicas nem o revanchismo dos poderosos de qualquer facção.

anotações de plantas, pássaros, animais, costumes, falas, acidentes geográficos e textos literários como se fosse um trabalho sociológico (CANDIDO, 2014).

Segundo Antonio Candido no O Jornal – RJ – 21/07/1946:

Guimarães despeja nomes de tudo – plantas, bichos, passarinho, lugares, modas – enrolados em construções de humilhar os citadinos [...] É talento demais [...] A província do Sr. Guimarães Rosa – no caso Minas é menos uma região do Brasil do que uma região da arte, com detalhes e locuções, vocabulário e geografia, cosidos de maneira por vezes quase irreal (O Jornal - RJ – 21/07/1946).

Podemos dizer que a força da obra de Rosa é “o paradoxo da extrema fidelidade, com a extrema liberdade” (CANDIDO, 2014). De acordo com Antonio Candido a obra de Rosa não é regionalista, pois através do homem do sertão, havia uma presença dos problemas universais do homem (CANDIDO, 2014).

A gente sentia que o regionalismo dele tinha universalidade dos temas, uma vibração espiritual sobre os grandes problemas que atormentam o homem. A linguagem dele não era documentária, na verdade ele estava criando, inventando uma linguagem plantada em Cordisburgo, mas estava ligada às raízes da língua portuguesa (CANDIDO, 2018).

Segundo Augusto Frederico Schmidt<sup>15</sup> (Correio da Manhã – RJ – 04/06/1946).

Guimarães Rosa não improvisou o seu livro, não teve pressa em publicá-lo, não levitou na ânsia de aparecer. Sagarana é obra vivida, trabalhada pacientemente, ruminada mesmo, [por] esse escritor, esse prosador forte para quem as palavras não são fantasmas, mas coisas vivas e alertas [...] Não sei, não me lembro de quem tenha em nossas letras, tratado melhor, com mais intimidade e com maior sentido de beleza, dos rios, das árvores, do mato, das cachoeiras, da terra [...] Nada que está na natureza, na natureza da sua terra mineira é indiferente a Guimarães Rosa. E que propriedade, que delicadeza [...] Poesia, conhecimento da matéria em que modelou e configurou o seu

---

<sup>15</sup> Augusto Frederico Schmidt (1906 - 1965) foi poeta da segunda geração do Modernismo brasileiro; falou de morte, ausência, perda e amor em seus poemas. Fundou a Livraria Schmidt Editora, que lançou as primeiras obras de autores importantes como Gilberto Freyre (Casa-Grande & Senzala), Graciliano Ramos (Caetés), Rachel de Queiroz (João Miguel), Marques Rebelo (Oscarina), Jorge Amado (O País do Carnaval), Vinícius de Moraes (Caminho para a Distância), Octávio de Faria (Maquiavel e o Brasil), Lúcio Cardoso (Maleita), Hamilton Nogueira, entre outros.

mundo [...] Guimarães Rosa, estreante e clássico da literatura brasileira.

Na verdade, a obra de Guimarães Rosa supera o regionalismo precisamente ao utilizá-lo como estratégia estética. Muitos críticos consideravam que a literatura brasileira já havia ultrapassado esse modelo de linguagem; contudo, Rosa recupera essa vertente então cansada e esgotada — o pitoresco, o arcaísmo, o universo caipira e caboclo, o jagunço e o sertão — e, dotando-a de uma exuberância verbal extraordinária, transforma aquilo que parecia ultrapassado, em matéria para uma ficção de alcance universal. Assim, por meio do regional, Rosa aborda os grandes temas da condição humana (CANDIDO, 2014): a transcendência, a vingança, o amor, a culpa e a ética.

Antonio Candido (O Jornal - RJ – 21/07/1946) escreveu:

Sustento e sustentarei [...] que *Sagarana* não é um livro regional como outros, porque não existe região alguma igual a sua, criada livremente pelo autor, com elementos caçados analiticamente e, depois sintetizados na ecologia belíssima de suas histórias [...] *Sagarana* nasceu universal pelo alcance [...] Mario de Andrade, se fosse vivo, leria comovido este resultado esplêndido da libertação linguística [...] O Sr. Guimarães Rosa, cuja vocação de virtuose é inegável – parece ter querido mostrar a possibilidade de chegar à vitória partindo de uma série de condições que conduzem geralmente ao fracasso. Ou melhor: todos os fracassos dos seus predecessores se transformaram, em suas mãos, noutros tantos fatores de vitória. [Mas] em *A hora e a vez de Augusto Matraga* há uma certa entrada de primavera – verdadeiros *Sacre du Printemps*<sup>16</sup> - em que a natureza nos comunica sentimento quase inefável, germinal e religioso [...] Devemos procurar a obra prima do livro no citado *Augusto Matraga*, onde o autor, deixando de certo modo a objetividade de arte-pela-arte, entra em região quase épica de humanidade e cria um dos grandes tipos de nossa literatura, dentro do conto que será daqui por diante, contado entre os dez ou doze mais perfeitos da linguagem (O Jornal - RJ – 21/07/1946).

A linguagem literária pode ser entendida como uma alternativa ao homem. Quando a linguagem é utilizada literariamente, ela é libertadora, uma vez que seu poder está na contestação, transgressão e resistência. Na literatura a linguagem não está submetida aos dogmas filosóficos, antropológicos e sociológicos (MACHADO, 2000, p. 11).

---

<sup>16</sup>.A Sagração da Primavera (em francês: *Le Sacre du printemps*) é uma obra de ballet e concerto orquestral do compositor russo Igor Stravinsky . Foi escrita para a temporada parisiense de 1913 da companhia Ballets Russes de Sergei Diaghilev; Quando apresentada pela primeira vez no Théâtre des Champs-Élysées em 29 de maio de 1913, a natureza vanguardista da música e da coreografia causou *friktion*. Muitos chamaram de um quase motim.

Segundo Antonio Candido (O Jornal – RJ – 21/07/1946), a obra de Guimarães Rosa é:

Densa, vigorosa, foi talhada no veio da linguagem popular e disciplinada dentro das tradições clássicas [...] *Sagarana* se caracteriza por um soberano desdém das convenções [literárias].

Para Antonio Callado (2014), Rosa é o *Van Gogh* da linguagem. Antonio Candido (2014) e Décio Pignatari (2014) entendem que Guimarães Rosa foi o precursor do surrealismo literário na América Latina, que depois foi seguido por Gabriel Garcia Márquez, Juan Rulfo, Mario Vargas Llosa e outros.

Antonio Callado (2014), diz que Guimarães Rosa é um escritor trabalhoso de se ler. Disse Rosa certa vez a Pedro Bloch em 1963:

Quero que minha obra se imponha sozinha [...] A prova da arte é vender-se por si. Eu não crio facilidade, crio dificuldade [...] Por isso meu livro *Sagarana* começa com o conto mais difícil, [...] para dificultar ainda mais (Revista Manchete – RJ – 1963).

Segundo Paulo Mendes da Rocha<sup>17</sup> (2014), a obra de Rosa não é uma dificuldade, mas uma revelação. Nas linhas de Rosa a saga do homem é desvelada. Sérgio Sant'Anna<sup>18</sup> (2014) diz que ao nos conduzir para o interior do sertão, Rosa nos leva para o interior do *Ser*, para o interior da existência humana. De acordo com Antonio Candido (2014), quando surge esse paradoxo na linguagem, temos uma obra prima da literatura.

Para Paulo Rónai<sup>19</sup> (Diário de Notícias – RJ – 10/06/56):

Assim a personalidade singular do autor há de marcar a nossa paisagem literária. Ao caracterizar a sua personagem vegetal, está definindo uma das funções, talvez a principal da própria arte. Inventor de abismos, o autor de *Corpo de Baile* localiza-os em broncas almas de sertanejos, inseparavelmente ligadas à natureza ambiente, fechados ao raciocínio, mas acessível a toda espécie de impulsos vagos, sonhos, premonições credices, vivendo há séculos da distância de nossa civilização urbana e niveladora. São almas ainda não estereotipadas pela rotina, com receptividade para o extraordinário e o milagre. O escritor enfrenta-as em geral num momento de crise, quando acuadas pelo amor, pela doença ou pela morte, procuram desesperadamente

---

<sup>17</sup>.Paulo Archias Mendes da Rocha (1928-2021) foi um arquiteto e urbanista brasileiro. Pertencente à geração de arquitetos modernistas.

<sup>18</sup>.Sérgio Sant'Anna (1941-2020) foi um advogado, professor universitário e escritor brasileiro. Embora já tivesse publicado poesia, peças de teatro, novelas e romances, considerava-se primeiramente um contista.

<sup>19</sup>.Paulo Rónai (1907-1992) graduou-se em filologia e estudos doutoriais em Honoré de Balzac. Foi um tradutor, revisor, crítico e professor húngaro naturalizado brasileiro.

tomar consciência de si mesma e buscam sentido de sua vida. Esses abismos inventados dão reais calafrios. No fundo deles se vislumbram os grandes medos atávicos do homem, sua sede de amor e seu horror à solidão, seus vãos esforços de segurar o passado e dirigir o futuro. Nas obras de Guimarães Rosa, tais sentimentos plasmam a mente de personagens marginais, imperfeitamente absorvidos pelo convívio social ou nada tocados pôr ele: crianças, loucos, mendigos, cantadores, prostitutas, capangas, vaqueiros. Eles é que formam o *Corpo de Baile* num teatro em que não há separação entre palco e plateia. O autor e as personagens nunca são completamente distintos, usam a mesma língua, a ponto que volta e meia aquele passa a palavra a estas sem que se note qualquer mudança de plano. Tal praxe não somente não conduz a limitação do registro das notações, mas por um milagre de arte, confere-lhe amplitude raras vezes atingida em qualquer literatura. E pela segunda vez que o autor dá um mergulho no mesmo universo. Dez anos depois do memorável êxito de *Sagarana*, espanta-nos com a fecundidade desse intervalo, que poderia ter enchido de publicações periódicas, pois as sete grandes novelas de *Corpo de Baile* dariam perfeitamente outros tantos volumes. Mas Guimarães Rosa aceita o risco de sair de cartaz por um decênio, para não sacrificar a unidade do livro. Insensível a convivências editoriais, o escritor pouco se preocupa em ir ao encontro dos hábitos do público. Arremessa aos leitores, de uma vez, uma suma inteira; lança-os, em vez, de um caminho reto, num verdadeiro labirinto; e se lhes dá algumas chaves – epígrafes retiradas de Plotino<sup>20</sup> e Ruysbroeck<sup>21</sup>, tão inesperado no limiar de uma coleção de novelas regionais – deixa-os procurar as fechaduras a que elas se aplicam. E mesmo que eles tenham compreendido a unidade essencial do conjunto e a importância igual das diversas partes, mesmo que tenham percebido a razão de ser do título e a presença permanente dos símbolos poéticos nessas narrativas telúricas, ainda terão de resolver inúmeros enigmas que se lhes armam a cada passo. Com estes, a sagacidade do autor parece querer selecionar o seu público, a fim de depois, compensá-lo regiamente [pelo] esforço dispendido. É Ruskin<sup>22</sup> quem fala dessa reticência cruel no coração de homens sábios, que lhes faz sempre esconder o seu pensamento mais profundo. Eles não no-lo comunicam sob forma de ajuda, mas sob forma de recompensa, e querem ficar certos de o merecermos antes de nos permitirem que o alcancemos.

---

<sup>20</sup>.Plotino (205 – 270 d.C) foi um dos principais filósofos de língua grega do mundo antigo. Seus escritos inspiraram metafísicos e místicos pagãos, islâmicos, judaicos, cristãos e gnósticos.

<sup>21</sup>.O beato João de Ruysbroeck (1293 – 1381) nasceu numa localidade próxima de Bruxelas – e morreu num mosteiro situado nas florestas de Soignes. Considerado um dos mais importantes escritores místicos da tradição cristã.

<sup>22</sup>.John Ruskin (1819- 1900) foi um importante crítico de arte, desenhista e aquarelista britânico. Os ensaios de Ruskin sobre arte e arquitetura foram extremamente influentes.

Nos dois índices da obra, as partes desta são ora qualificadas de poemas, ora de contos e romances. Serão poemas, enquanto todas trazem significações subjacentes. A distinção entre conto e romance tampouco obedece ao critério habitual da extensão; antes corresponde a um grau maior ou menor de conteúdo lírico: ao subordinar os primeiros ao título de parábola, o autor, com esse termo da comédia grega, adverte-nos de que é neles que se deverá procurar a sua mensagem pessoal. Isto posto, ainda será *mister* decifrar essa mensagem. Como os grandes poemas clássicos, *Corpo de Baile* está cheio de segredos que só gradualmente se revelam ao olhar atento. A própria unidade da obra é um deles. Ela não é apenas geográfica e estilística, como parece à primeira vista. Conexões de temática, correspondências estruturais, efeitos de justaposição e oposição integram-na, mas os leitores têm de os descobrir um a um. Talvez ninguém consiga nesse pormenor, desemaranhar totalmente o jogo completo das intenções do autor – mas o que cada um desvendar será o suficiente para intensificar o prazer da peregrinação por esse mundo denso de novidades (Diário de Notícias – RJ – 10/06/56 – p.1)

Segundo Décio Pignatari (2014), essa linguagem criada por Rosa, possibilitou uma nova leitura da realidade brasileira. Ao mesclar a angústia existencial do *Eu*, com um País que se forma, numa terra quase desconhecida e buscando identidade, Rosa despertou a consciência incendiada do *Ser* brasileiro. Para Paulo Mendes da Rocha (2014), todo brasileiro deveria ler a obra de Rosa.

Antônio Cândido (2018) diz que é por isso que:

A gente se identifica com suas histórias não só porque elas falam de coisas que a gente conhece, viveu ou poderia viver, mas também, muitas vezes, porque elas trazem ‘realidades’ muito diferentes da nossa, com as quais a gente consegue criar empatia e perceber problemas humanos relevantes.

Raquel de Queiroz<sup>23</sup> (Revista: O Cruzeiro – RJ – 30/6/1956) diz:

Primeiro faz dez anos, deu-se o acontecimento “*Sagarana*”: um livro, entre prosa e poema, mas tão belo e tão diferente, que criou por toda a massa de leitores do País uma grande ternura por aquelas histórias, por aquelas gentes, pelo estilo e até pelo autor que escrevia tudo.

Sim, o autor. Um homem ausente por profissão, diplomata de ofício, nesses apuramentos de saudade e distância como que refinou seus

---

<sup>23</sup>. Rachel de Queiroz (1910-2003) foi uma escritora, jornalista, tradutora, cronista prolífica e importante dramaturga brasileira. Primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras e a primeira mulher galardoada com o Prêmio Camões.

amores pela terra longe, suas lembranças nativas do povo e da linguagem dos territórios dos Gerais. Ficou assim João Guimarães Rosa feito uma tintura-mãe de brasileiro e é essa tintura-mãe que ele nos serve aos litros, pois se há coisa de que se pode fazer queixa em relação à sua literatura, é que ela é brasileira demais.

Sai agora o seu segundo livro: “*Corpo de Baile*”, contos, poemas, novelas, chama de tudo e tudo é. Ainda mais, são dois volumes, o que já de si é uma originalidade, pois quem reúne contos em número suficiente para dois volumes, não faz livro em dois tomos, faz dois livros.

Gostaria de conversar com o autor a respeito da sua linguagem – esse instrumento personalíssimo que ele usa com tal artesanato que muitas vezes consegue passar muito além dos limites do precioso. Tem hora em que chega a irritar o leitor, com as suas obscuridades deliberadas (mormente no caso em que o paralelo com Joyce se impõe – e há pessoas alérgicas a Joyce). Verdade que obscuro por obscuro, São João Evangelista também era... E que riqueza doida naquela obscuridade, naquele inventar e desinventar, ressuscitando arcaísmos e principalmente registrando, gravando, imortalizando a linguagem a bem dizer perdida das gentes daqueles sem-fins dos Gerais. Aliás, em vez de falar eu mesma na linguagem do autor, e não acertar com o que dizer, o melhor é citar mestre Paulo Ronai, que escreveu a respeito dela coisa que me parece definitiva: “*Guimarães Rosa joga com toda a riqueza da linguagem popular de Minas, mas é fácil perceber que não se contenta com a simples reprodução dela. Aproveitando conscientemente os processos de derivação e as tendências sintáticas do povo, uns e outros frequentemente ainda nem registrados, cria uma língua pessoal, toda dele, de espantosa força expressiva e que há de encontrar o seus lexicógrafos. Obedecendo ora a uma exigência íntima de matização infinita, ora a um sensualismo brincalhão, que se compraz em novas sonoridades, submete o idioma a uma atomização radical, do qual só encontrariamos precedente em Joyce*” (não falei?!) “*A Invenção de onomatopeia sem conta, a permutação livre dos prefixos verbais, a atribuição de novos regimes, a ousada inversão das categorias gramaticais, a multiplicação das terminações afetivas, são algumas dessas secundas arbitrariedades que se abandonam mais de uma vez na prática de outras línguas, cujas reminiscências o poliglota nem sempre soube ou quis reprimir*” (Paulo Ronai, Segredos de Guimarães Rosa – Diário de Notícias – 10-6-56).

Poucas vezes tenho lido, em vida minha, páginas tão belas, de uma psicologia ao mesmo tempo tão doce, tão funda, tão pungente, quanto a história de *Miguilim*, o “*Campo Geral*” que abre o primeiro volume. Creio que ali o autor atinge seu ponto mais alto; é um desses casos em

que bastava a alguém escrever aquilo, numa existência inteira, para ter garantido um lugar definitivo – e que lugar! – na literatura da sua terra.

Os outros personagens – será que poderão dizer que algum deles me fez pensar, em quê? Tomo coragem, digo logo: num dinossauro – um dinossauro falante. Pensei também em anjos, em filhos do diabo junto com filhos de ninfas, por ali tem de um tudo, mitologia grega e burgre africano, e Nosso Senhor, e o cão do inferno, e homem, e velha e mulher e menino. Quanto mais dinossauro que, pensando bem, é a coisa mais indecente que pode haver – um corpo assim imenso para sofrer, a cabeça tão pequenina para descobrir por que sofre.

Seja como for, suscitando apaixonados debates, ais de admiração, cólera dos escandalizados, esse livro de Guimarães Rosa aí fica imenso em todos os sentidos, feito um marco, feito um obelisco. Muitos não lhe decifrarão os intencionais mistérios, os caprichados hieróglifos. Mas nenhum lhe negará a estranha beleza do jogo de massas, aquele vulto espetacular, aquela grandeza paradoxal, ao mesmo tempo tão primitiva, tão refinada (Revista: O Cruzeiro – RJ – 30/6/1956).

Esse ser das palavras, ou seja, a linguagem em seu próprio ser torna a linguagem literária uma operação reflexiva. O puro ato de escrever afirma a existência do homem; o *Ser* de suas palavras cintila o brilho do seu próprio ser (MACHADO, 2000, p. 110-111).

Para Pedro Bloch (Revista Manchete – RJ – 1/6/1963):

Guimarães Rosa encontrou nas palavras uma quarta dimensão [...] As palavras estão nele sentidas e ressentidas, criadas e recriadas [...] E não me venham dizer que o importante em Guimarães Rosa é só forma. Conteúdo está ali, em cada frase, em cada palavra, em cada silêncio, em cada desfalar.

Podemos dizer que muita gente escreveu sobre o sertão, mas nunca ninguém explorou o sertão como uma Odisseia (PIGNATARI, 2014). É exatamente essa experiência de linguagem feita por Guimarães Rosa que possibilita que sua obra seja universal. Sérgio Sant'Anna (2014) diz que a força do texto de Rosa está na sua inesgotabilidade. É um texto que pode sempre ser recomeçado e experienciado em vários momentos da vida.

Para Antonio Candido (O Jornal – RJ - 21/07/1946), a obra de Rosa vai,

...construindo em termos brasileiros certas experiências de uma altura encontrada geralmente apenas nas grandes literaturas estrangeiras; criando uma vivência poderosamente nossa e ao mesmo tempo

universal, que valoriza e eleva a nossa arte (O Jornal – RJ - 21/07/1946).

*A vida do texto* de Guimarães Rosa talvez esteja no paradoxo da extrema fidelidade narrativa, com a extrema liberdade linguística (CANDIDO, 2014). Talvez esteja na exuberância verbal extraordinária (CANDIDO, 2014), ou ainda, na forma como ele nos leva para o interior do sertão, ao mesmo tempo, que nos conduz para o interior de nosso próprio *Ser*, para as profundezas de nossa existência (SANT'ANNA, 2014). A natureza fundamental do texto de Rosa talvez esteja na maneira como ele, usando a linguagem, explorou os problemas universais do homem (CANDIDO, 2014), tornando o texto universal e atemporal (PIGNATARI, 2014).

Enfim, *Nonada* (ROSA, 1965, p. 460), *a vida do texto* de Rosa é uma busca individual, pois “a essência da literatura jamais é dada, deve sempre ser reencontrada ou reinventada” (MACHADO, 2000, p. 71). *Travessia* (ROSA, 1965, p. 52).

## O texto na vida

Como sabemos, o efeito de um livro sobre nós, mesmo no que se refere à simples informação, depende de muita coisa além do valor que ele possa ter. Depende do momento da vida em que o lemos, do grau do nosso conhecimento, da finalidade que temos pela frente (CANDIDO, 2000).

Em 1956, foi lançado *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa (Correio da Manhã – RJ - 13/07/1956). Em 1957, *Grande Sertão* ganhou o prêmio Carmen Dolores Barbosa de livro do ano de criação literária – poesia, ficção e teatro (Jornal do Brasil – RJ – 31/02/1957), prêmio que posteriormente foi concedido a *Gabriela. Cravo e Canela* de Jorge Amado em 1959 e *A Maçã no Escuro* de Clarice Lispector em 1962.

Zélia Gattai conta que quando Jorge Amado terminou *Gabriela, Cravo e Canela*, ambos sentiram uma mistura de alívio e nostalgia.

Partiram todos de vez: Gabriela, Nacib, Gerusa, Malvina, Mundinho Falcão, Tônico Bastos, coronel Ramiro... deixando um vazio em nosso quotidiano, alívio e nostalgia. ‘Lá se vão eles para outros braços, correr [o] mundo’, disse Jorge, sem esconder uma ponta de ciúme e incontrolável melancolia, ao ver os originais do romance seguirem para a editora, em São Paulo, onde seriam impressos e receberiam uma capa de Clóvis Graciano para embelezar o livro. *Gabriela* seria lançada em breve, naquele ano de 1958 (GATTAI, 2011, p.111).

*Gabriela* falou inglês, francês, russo, polonês, “aos poucos, a moça de Ilhéus foi se tornando poliglota” (GATTAI, 2011, p. 125). João Guimarães Rosa ao lado de Jorge Amado é um dos escritores brasileiros mais procurados no exterior. *Grande Sertão* foi traduzido para o inglês, francês, alemão, italiano e espanhol, é um dos dois ou três livros fundamentais da literatura brasileira de todos os tempos (Jornal do Brasil – 07/06/1967).

Quando um livro é lançado, o autor não é mais o dono daquelas palavras, pois, a palavra já flutua além de sua vida e de sua existência (MACHADO, 2000, p. 143 e 146).

A partir do momento que as folhas em branco vão sendo escritas, elas vão se tornando carregadas de sentido e significado. É por isso que todos os livros são iguais na sua forma, mas únicos na sua essência. Podemos dizer que esse é o *Ser* da literatura. Quando a obra se completa, ela não é mais linguagem do sujeito que a escreveu, mas linguagem do próprio texto. Quem fala é o próprio texto, e que será compreendido e entendido somente no encontro com o leitor (FOUCAULT, 2000, p. 154).

No Jornal do Brasil – RJ – 02/09/1956 – Luiz Martins<sup>24</sup> diz:

Note-se, não sou grande leitor de romances [...] Mas com [*Grande Sertão: Veredas*] foi diferente. Com esse eu larguei tudo, e desde que me embrenhei pelos primeiros parágrafos da narrativa, não pensei em mais nada. Ela me prendia, me escravizava, me seduzia, me fascinava. Sobre a minha mesa, um montão de outros volumes a espera. Trabalhos por realizar, adiados. Minhas horas de descanso, eram dela, apenas dela. Enquanto não acabasse a leitura, eu nada podia fazer, nada podia pensar. Enfeitiçado (Jornal do Brasil – RJ – 02/09/1956).

Para encontrarmos *o texto na vida*, temos que não só tomar a palavra, mas “ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo” (FOUCAULT, 2012, p. 5). Nesse sentido, vamos buscar a essência do texto, que está na palavra que carrega, a partir do encontro desse texto com o leitor. Uma vez que a literatura é uma linguagem lançada ao infinito, ela permite falar de si mesmo ao infinito, ao mesmo tempo, que autoriza interpretações e reflexões (FOUCAULT, 2000, p. 154 - 155).

No Jornal do Brasil – RJ – 02/09/1956 – Luiz Martins diz:

É um livro difícil, a linguagem é mais estranha que o de Macunaíma. Livro intraduzível, áspero, agreste, profundo, onde a poesia borbulha em cada período, em cada frase, em cada palavra, com uma seiva, uma força, um colorido que fere, deslumbra e desnorteia (Jornal do Brasil – RJ – 02/09/1956).

---

<sup>24</sup>Luis Martins (1907-1981) foi um escritor, jornalista, crítico, memorialista e poeta brasileiro.

Encontramos em *Grande Sertão: Veredas*, um Riobaldo que nos anos de 1900<sup>25</sup> faz um contradiscurso que combate a teologia fundamentalista. As experiências irrationais místicas transbordam os limites e fronteiras de uma única religião, mesmo em situações diferentes, os paralelos acontecem na similar intensidade (OTTO, 2013, p. 43).

O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é salvação-da-alma... Muita religião seu môço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bêbo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar – o tempo todo (ROSA, 1965, p. 15).

Em tempos de intolerância religiosa e cultural, o discurso é atual. Roberto Machado, a partir de Michel Foucault, critica o poder pastoral sobre o indivíduo, que usa a confissão e o aprisionamento das consciências, como ferramenta de controle, com técnicas e procedimentos destinados a controlar a conduta dos vivos. Logo, o poder pastoral governa e controla as mentes, o poder estatal e de polícia governa e controla os corpos (MACHADO, 2000, p. 131-132).

Olhe: tem uma preta, Maria Leôncia, longe daqui não mora, as rezas dela afamam muita virtude de poder. Pois a ela pago, todo mês – encomenda de rezar por mim um terço, todo santo dia, e, nos domingos, um rosário [...] E estou, já mandei recado para uma outra, do Vau-Vau, uma Izina Calanga, para vir aqui, ouvi de que reza também com grandes merências, vou efetuar com ela trato igual. Quero punhado dessas, me defendendo em Deus, reunidas de mim em volta... Chagas de Cristo! (ROSA, 1965, p. 16).

---

<sup>25</sup>. Um dos protagonistas nasceu “em 11 de setembro da éra de 1800 e tantos” (ROSA, 1965, p. 457 - 458). De qualquer forma, há pistas suficientes para localizar os acontecimentos na Primeira República ou República Velha (1889-1930). Isso se enquadra no que Antonio Cândido (*Literatura e sociedade*) chama de “paradoxo literário”: Rosa deforma a realidade para realçar a presença desse imaginário medieval no sertão - <https://universidadelivredovalvito.xyz/em-que-epoca-se-passa-grande-sertao-veredas/> - acessado em 12/11/2025.

Em 10/12/1957 Benedito Nunes<sup>26</sup> escreve que a personagem protagonista de *Grande Sertão* desejava fundar uma cidade religiosa.

*Grande Sertão: Veredas* ultrapassa o âmbito regional. No drama do sertanejo ou do jagunço, irrompem os grandes problemas humanos – seja a luta do homem com a natureza que o estimula [...], seja o ímpeto do jagunço que se põe em armas, [seja] pela necessidade de viver e realizar seu destino. Riobaldo que teve algumas letras possui o senso inato da poesia. Mas é um temperamento místico, cuja ideia era fundar nos gerais, uma grande cidade religiosa, onde se irmanassem todos os homens para viver em paz, resguardados do mal [...] *Grande Sertão: Veredas* é um romance extraordinário, escrito em língua de gente (Jornal do Brasil – RJ – 10/12/1957).

Em *Grande Sertão*, temos que:

Às vezes eu penso: seria o caso de pessoas de fé e posição se reunirem, em algum apropriado lugar, no meio dos gerais, para se viver só em altas rezas, fortíssimas, louvando a Deus e pedindo glória do perdão do mundo. Todos vinham comparecendo, lá se levantava enorme igreja, não havia mais crimes, nem ambição, e todo sofrimento se espraiava em Deus [...] Todo assim, o que minha vocação pedia era um fazendão de Deus, colocado no mais tope, se braseando incenso nas cabeceiras das roças, o povo entoando hinos, até os pássaros e bichos vinham bisar. Senhor imagina? Gente sã valente, querendo só o Céu [...] Raciocinei isso com compadre meu Quelemém, e êle duvidou com a cabeça: Riobaldo, a colheita é comum, mas o capinar é sozinho (ROSA, 1965, p. 47-48).

No Jornal do Brasil – RJ – 02/09/1956 - Sérgio Millet<sup>27</sup> diz:

Com *Grande Sertão: Veredas*, temos um grito de independência de nossa literatura. Depois desse livro será preciso reescrever a gramática do português do Brasil. É de se imaginar com assombro o que sairá dessas páginas milionárias de invenção e observação, de poesia e de psicologia. Nelas irá fiscar o escritor brasileiro do futuro, e as águas do manancial são inesgotáveis de pepitas de excelente quilate. *Grande Sertão: Veredas* é sem dúvida alguma, o nosso grande acontecimento literário e linguístico do século (Jornal do Brasil – RJ – 02/09/1956).

---

<sup>26</sup>. Benedito José Viana da Costa Nunes (1929-2011) foi um filósofo, professor universitário, crítico literário e escritor brasileiro.

<sup>27</sup>. Sérgio Milliet da Costa e Silva (1898-1966) foi um escritor, pintor, poeta, ensaísta, crítico de arte e de literatura, sociólogo e tradutor brasileiro.

Foi com esse grito de liberdade e ousadia, que Guimarães Rosa trouxe com muita delicadeza o amor homoafetivo entre dois jagunços no sertão do século XIX. O amor entre Riobaldo e Reinaldo.

O Reinaldo mesmo chamou minha atenção. O comum: essas garças, enfileirantes, de tôda brancura; o jaburu; o pato-verde, o pato-prêto, topetudo; marrequinhos dansantes; martim-pescador; mergulhão; e até uns urubus, com aquêle triste prêto que mancha. Mas, melhor de todos – conforme o Reinaldo disse – o que é o passarim mais bonito e engracadinho de rio-abixo e rio-acima: o que se chama o manuelzinho-da-crôa. Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer de se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros, em seu começar e descomeçar dos vôos e pousação. Aquilo era para se pegar espingarda e caçar. Mas o Reinaldo gostava [...] ele me ensinou. Do outro lado, tinha vargem e lagoas. P'ra e p'ra, os bandos de patos se cruzavam – Vigia como são esses... Eu olhava e me sossegava mais. O sol dava dentro do rio, as ilhas estando claras. É aquêle lá: lindo! Era o manuelzinho-da-crôa, sempre casal, indo por cima da areia lisa, eles altas perninhas vermelhas, esteiadas muito atrás traseiras, desempinadinhos, peitudos, escrupulosos catando suas coisinhas para comer alimentação. Machozinho e fêmea – às vezes davam beijos de biquinque (ROSA, 1965, p. 111).

É mesmo preciso olhar para esses com todo carinho... o Reinaldo disse. Era. Mas o dito assim, botava surpresa. E a macieza da voz, o bem-querer sem propósito, o caprichado ser – e tudo num homem-d'armas, brabo bem jagunço – eu não entendia! Dum outro, que eu ouvisse, eu pensava: frouxo [...] Mas, do Reinaldo, não. O que houve, foi um contente meu maior, de escutar aquelas palavras. Achando que eu podia gostar mais dele. Sempre me lembro. De todos, o pássaro mais bonito gentil que existe é mesmo o manuelzinho-da-crôa (ROSA, 1965, p. 111-112).

Aqui Riobaldo contemplou um quadro da natureza viva. A beleza o conduziu a uma experiência poética. Ficou maravilhado com as coisas simples do dia a dia, que estavam sempre ali, mas que naquele dia se descortinou como obra de arte, levando-o a um *mirandum* (PIEPER, 2007, p. 42 - 43).

E por causa dessa qualidade eterna, dessa imponderabilidade, eu vejo que, para a humanização, a arte está no mesmo caminho da mística ou da fé religiosa: ambas as experiências são independentes da razão: são experiências; a beleza é uma experiência e não discurso. Como quando um dia, num caminho habitual, você se espanta com algo - uma casa, uma obra, uma coisa - que já tinha visto muitas vezes - "Que beleza! Eu nunca tinha visto isso desse jeito!" -, aí você pode dar

graças: você está tendo uma experiência poética, que é ao mesmo tempo, religiosa: no sentido que liga você a um centro de significação e de sentido (PRADO, 2009).

Experiência que produz um sentimento excitante e prazeroso, um *Mysterium Tremendum* (OTTO, 2013, p. 19).

Depois, o Reinaldo disse: eu fôsse lavar meu corpo, no rio. Ele não ia. Só, por acostumação, ele tomava banho era sozinho no escuro, me disse, no sinal da madrugada. Sempre eu sabia tal crendice [...] sujeitos de corpo-fechado [...] Não me espantei [...] Mas então notei que estava contente demais de lavar meu corpo porque o Reinaldo mandasse, e era um prazer fôfo e perturbado (ROSA, 1965, p. 113).

Pensar mal é fácil, porque esta vida é embrejada. A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar. A senvergonhice reina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero sem maldade. Está certo, sei. Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação pra aos vícios desencontrados. Repilo o que, o sem preceito. Então o senhor me perguntará – o que era aquilo? [...] Mas eu gostava dele [...] Feitiço? [...] Eu mesmo entender não queria [...] E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente [...] Conforme, por exemplo, quando eu me lembra daquelas mãos, do jeito como se encostavam em meu rosto (ROSA, 1965, p. 114).

Riobaldo foi abalado pela beleza e pelo amor, “de repente, num instante, [o óbvio] perde sua obviedade compacta, [...] o chão sob seus pés começa a faltar” (PIEPER, 2007, p. 43 – 44).

Os dias que passamos ali foram diferentes do resto de minha vida. Em horas, andávamos pelos matos, vendo o fim do sol nas palmas dos tantos coqueiros macaúbas, e caçando, cortando palmito e tirando mel de abelha-de-poucas-flôres, que arma sua câra côn-de-rosa [...] E até peixe do rio se pescou. Nunca mais, até o derradeiro final, nunca mais eu vi o Reinaldo tão sereno, tão alegre. E foi ele mesmo [...] quem me perguntou: Riobaldo, nós somos amigos, de destino fiel, amigos? Reinaldo, pois eu morro e vivo sendo amigo seu! – eu respondi [...] Então, eu vi as côres do mundo. Como no tempo que tudo era falante, ai, sei [...] Só um bom tocado de viola é que podia remir a vivez de tudo aquilo (ROSA, 1965, p. 115).

“Diadorim tinha ciúme de mim com qualquer mulher, eu já sabia, fazia tempo” (ROSA, 1965, p. 147).

Ao que Diadorim me deu a mão, que malamal aceitei [...] E de repente eu estava gostando dele, num descomum, gostando ainda mais do que antes, com meu coração nos pés, por pisável; e dêle o tempo todo eu tinha gostado. Amor que amei – daí então acreditei. A pois, o que sempre não é assim? (ROSA, 1965, p. 182).

No Jornal do Brasil – RJ – 13/03/1957 – Manuel Bandeira<sup>28</sup> nos traz uma análise desses elementos. Desde a sofisticação linguística e literária do texto, até o amor homoafetivo que não se consumou. Bandeira diz ter ficado decepcionado com o desfecho dessa paixão.

Amigo meu, João Guimarães Rosa, mano-velho, muito saudar! Me desculpe, mas só agora pude campear tempo para ler o romance de Riobaldo. Como que pudesse antes? Compromisso daqui, obrigação dacolá... Você sabe: a vida é muito dificultoso. Ao despois de depois, andaram dizendo que você tinha inventado uma língua nova e eu não gosto de língua nova e eu não gosto de língua inventada. Sempre arreneguei de esperantos e volapuques. Vai-se ver, não é língua nova nenhuma a do Riobaldo. Difícil é às vezes. Quanta palavra do sertão! A princípio, muito aplicadamente, ia procurar a significação no dicionário. Não encontrava. Dena o título: *Grande Sertão: Veredas*. Nenhum dicionário dá a palavra vereda com significado que você mesmo define: [...] Rio é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é vereda [...] Tinha vezes que eu nem podia atinar se a palavra era nome de bicho vivente, planta ou coisa sem corpo nem côr nem coragem, abstrato que se diz, não é? Ou sé? Ou será?

Ainda por cima disso, você fez Riobaldo poeta, como Shakespeare fez Macbeth poeta. Natural: por que um jagunço dos gerais demais do Urucuia não poderá ser poeta? Pode sim. Riobaldo é você se você fosse jagunço. A sua invenção é essa: por jagunço poeta inventado dentro da linguagem habitual dele. O vocabulário dele já é riquíssimo, dá a impressão que não ficou nenhuma dicção de seus pagos e arredores; aumentado com neologismos, sempre de boa formação linguística, ficou um potosi, nossa! A gente acaba tendo que entregar os pontos, nem que seja um Gilberto Amado. O diabo é que depois de ler você a gente começa a se sentir e cantar eu sou pobre, pobre, pobre, rema, rema, rema ré. Só que acho que não precisava contar de

---

<sup>28</sup>Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho (1886-1968) foi um poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor brasileiro, considerado um dos maiores expoentes da poesia brasileira e uma figura-chave do modernismo no Brasil.

um rojão só, como o Joyce do último capítulo de Ulysses, as 594 páginas da história de Riobaldo. Quantas horas levaria? Eu levei dias para ler. Ainda bem que você virgulou tudo, minudente. E o caso de Diadorim, seria mesmo possível? Você é dos Gerais, você é que sabe. Mas eu tive a minha decepção quando se descobriu que Diadorim era mulher Honni soit qui mal y pense, eu preferia Diadorim homem até o fim. Como você disfarçou bem! (Jornal do Brasil – RJ – 13/03/1957).

“O Reinaldo era Diadorim – mas Diadorim era um sentimento meu” (ROSA, 1965, p. 236).

Diadorim tinha morrido [...] – eu sabia, e não queria saber, meus olhos marejaram [...] (ROSA, 1965, p. 450 - 451).

Lágrimas fortes que esquentavam meu rosto e salgavam minha boca [...] Diadorim, Diadorim [...] E subiram as escadas com ele, em cima de mesa foi posto. Diadorim, Diadorim – será que amereci só por metade? Com meus olhos molhados não olhei bem [...] Sufoquei, numa estrangulação de dó. Constante o que a mulher disse: carecia de se lavar e vestir o corpo. Piedade, como que ela mesma, embebendo toalha, limpou as faces de Diadorim, casca de tão grosso sangue, repisado. E a beleza dele permanecia, só permanecia, mais impossivelmente. Mesmo como jazendo assim, nesse pó de palidez, feito a coisa máscara, sem gota nenhuma. Os olhos dele ficados para a gente ver. A cara economizada, a boca secada. Os cabelos com marca de duráveis... Não escrevo, não falo! – para assim não ser: não foi, não é, não fica sendo! Diadorim... Eu dizendo que a Mulher ia lavar o corpo dele. Ela rezava rezas da Bahia. Mandou todo o mundo sair. Eu fiquei [...] Diadorim nu de tudo. E disse: A Deus dada. Pobrezinha [...] Diadorim era corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. Côice d’arma, de coronha... [...] E levantei mão para me benzer – mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim [...] solucei meu desespero [...] Meu amor! (ROSA, 1965, p. 453 - 454).

Riobaldo, “na agonia de sua paixão”, não encontrava as palavras (PRADO, 2025, p. 66). Então disse: “Diadorim é a minha neblina” (ROSA, 1965, p. 22).

No Jornal do Brasil – RJ – 02/09/1956 – Vivaldo Coaracy<sup>29</sup> diz:

Assinalarei apenas que a obra de Guimarães Rosa, uma e contínua, é uma saga. Uma saga que, em traços de epopeia, fixa e delineia uma fase de civilização e cultura de um grupo humano, numa determinada região do planeta, em certo momento do tempo. Como todas as

---

<sup>29</sup>.Vivaldo Coaracy (1882-1967) foi um engenheiro, jornalista e escritor brasileiro.

verdadeiras sagas mortais. E quem a souber ler, com olhos para ver e alma para sentir, não poderá deixar de estabelecer comparações entre a sociedade tão nítida e vivamente definida e outras fases análogas de evolução dos povos (Jornal do Brasil – RJ – 02/09/1956).

Na Aula Inaugural do Curso de Literatura da Universidade de Lisboa em 28/03/1957 – Josué Montello:<sup>30</sup>

Embora caiba principalmente à poesia oferecer o campo experimental à insurreição contemporânea no reino das palavras, é na prosa de Joyce que os analistas literários localizam o epicentro do grande abalo sísmico das modernas estruturas verbais. A mais recente rebelião desse tipo na língua literária do Brasil é a de João Guimarães Rosa, com as sete novelas dos dois volumes de *Corpo de Baile* e as seiscentas páginas compactas, densas, cerradas, sem nenhuma pausa em capítulos, do romance *Grande Sertão: Veredas*, incontestavelmente a mais arrojada aventura da nova ficção brasileira. Guimarães Rosa é um renovador da língua como Aquilino Ribeiro. E ainda como o romancista das Terras do Demo: possuidor de um poder da criação verbal prodigioso. A presença dessa obra estranha subverte a ondulação de preamar a que havia remanado, depois da rebelião modernista, com um José Lins do Rêgo, uma Raquel de Queiros, um Érico Veríssimo, um Graciliano Ramos, a moderna prosa do romance brasileiro: Guimarães Rosa revolveu as águas, numa indagação sobre os caminhos de nossa língua portuguesa (Jornal do Brasil – RJ – 09/04/1957).

O texto de Rosa é prosa, conversa, entre o jagunço e um senhor instruído, com carta de Doutor (ROSA, 1965, p. 22), um intelectual. Portanto, o diálogo é entre Riobaldo e um Doutor. Teoricamente um intelectual conhece a vida sertaneja apenas da Biblioteca. Mesmo que já tenha estado no sertão, não vive o sertão, só o observa a certa distância, não o comprehende profundamente.

O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhinho de metal (ROSA, 1965, p. 17-18).

É possível que exista uma dramatização dessa distância dos intelectuais. Em outras palavras, os leitores, intelectuais, não conhecem profundamente seu País. Esses leitores, intelectuais não conhecem como vive a maioria das pessoas nesse País, a realidade do sertão.

---

<sup>30</sup>Josué de Sousa Montello (1917-2006) foi um jornalista, professor, teatrólogo e escritor brasileiro.

Vou lhe falar, Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão!  
Não sei. Ninguém ainda não sabe (ROSA, 1965, p. 79).

Quando Riobaldo é colocado para contar sua própria história em primeira pessoa, ele automaticamente transforma o leitor no outro. A saída estética de Guimarães Rosa transforma aquele que deveria ser o objeto, no sujeito de sua própria história.

Confiança – o senhor sabe – não se tira das coisas feitas ou perfeitas: ela rodeia é o quente da pessoa [...] População de um arraial baiano, inteira, que se achava de mudança – homens, mulheres, as crias, os velhos, o padre com seus petrechos e cruz e a imagem da igreja – tendo até bandinha-de-música, como vieram com todos parecendo nação de maracatu [...] O padre com chapéu-de-couro [...] uma procissão sensata enchendo estrada, às poeiras, com o paquêio das alpercatas, as velhas tiravam ladainha, gente cantável. Rezavam, indo da miséria para a riqueza. E pelo prazer de tomar parte no conforto de religião, acompanhamos esses até à Vila de Pedra-de-Amolar [...] O cortejo dos baianos dava parecença com uma festa. No sertão, até enterro simples é festa (ROSA, 1965, p. 45 e 47).

E quando o jagunço, o homem do sertão, o interiorano sertanejo é primeira pessoa e se coloca como um *Eu*, nós que somos os leitores, o intelectual que lê e vive na cidade, precisa se ver pela primeira vez nesse lugar de outro, para quem esse *Eu* fala, mas que não é falado no texto. O outro é um pressuposto ao qual o jagunço não se submete na sua narrativa. Esse que fala no texto possui “uma força, um colorido que fere, deslumbra e desnorteia” (Jornal do Brasil – RJ – 02/09/1956), nos desloca e nos desconjunta.

*Grande Sertão* é uma Universidade de conhecimento (MENDES DA ROCHA, 2014), pode ser levado para uma ilha, pois sua leitura não se esgota (SANT’ANNA, 2014). Para mim, Riobaldo é filósofo (MEDEIROS, 2016); professor (MEDEIROS, 2019); para Adélia Prado, um “peripatético” (2025, p. 66); para Benedito Nunes (Jornal do Brasil – RJ – 10/12/1957) e Manoel Bandeira (Jornal do Brasil – RJ – 13/03/1957), um poeta.

Nessa leitura sem fim, que cada um faça a sua *Travessia* (ROSA, 1965, p. 460), pois “o real [da vida] não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da *travessia*” (ROSA, 1965, p. 52). Esse é o *texto na vida*.

## Considerações finais

A travessia empreendida neste estudo permitiu compreender que a obra de João Guimarães Rosa, tal como o próprio sertão que a nutre, não se deixa reduzir a uma geografia literária ou a um conjunto de procedimentos estilísticos. Ao reconstruir a *vida*

*antes do texto, a vida do texto e o texto na vida*, evidenciou-se que Rosa concebeu a literatura como experiência ontológica, como uma forma de conhecer e, simultaneamente, de desestabilizar o conhecido. No itinerário guiado pelas fontes primárias da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - BN, tornou-se possível vislumbrar não apenas o escritor, mas a tessitura existencial que sustenta sua palavra — um homem cuja biografia, atravessada por ética, mística, diplomacia e humanismo, confere lastro à ousadia de sua linguagem e à radicalidade de seus temas.

A análise da recepção crítica demonstra que o impacto da obra rosiana não se limita ao campo literário: ela reorganiza paradigmas, subverte convenções e inaugura novas possibilidades para a língua, ampliando seus limiares expressivos. De Graciliano Ramos a Antonio Cândido, de Raquel de Queiroz a Manuel Bandeira, os julgamentos convergem para a compreensão de que Rosa opera num regime estético que combina fidelidade microscópica ao real com liberdade inventiva absoluta — paradoxo que seria, justamente, a marca de uma literatura maior. Não se trata apenas de descrever o sertão, mas de converter a linguagem em campo de experiências, onde se revelam o trágico, o sagrado, o amor, o medo, o indizível, e onde cada palavra funciona como abertura para um mundo que excede o visível.

Por fim, o percurso interpretativo aponta que o *texto na vida* — dimensão na qual a obra se desprende do autor e encontra o leitor — é a chave para compreender sua permanência. *Grande Sertão: Veredas*, especialmente, emerge como uma espécie de epistemologia narrativa: um modo de pensar o Brasil e o humano a partir da voz do outro, da conversão do jagunço em filósofo e poeta, do sertão em laboratório ético e metafísico. A infinita releitura da obra confirma que sua potência está na capacidade de transformar o leitor, deslocá-lo, convidá-lo a habitar perspectivas que não são as suas. Como atravessar o sertão é sempre atravessar a si mesmo, a literatura rosiana permanece como obra viva — inesgotável, movente, luminosa.

Assim, ao recolocar Rosa em diálogo com seus críticos, com seus leitores e com a própria história cultural brasileira, reafirma-se que sua escrita continua a exercer a função primordial da grande literatura: ampliar o horizonte da experiência humana, abrindo nele veredas capazes de redesenhar a compreensão de quem lê. A literatura rosiana não apenas representa o mundo; ela o recria. E enquanto houver leitores dispostos à travessia, continuará reinventando, em cada encontro, o sentido da própria vida.

## Referências Bibliográfica

CALLADO, Antonio. *Grande Sertão Veredas: Antônio Callado sobre Guimarães Rosa*, [https://youtu.be/73Y9obqe9vA?si=Oyo3A6Km-b-\\_bA3e](https://youtu.be/73Y9obqe9vA?si=Oyo3A6Km-b-_bA3e), 2014

CAMPOS, Haroldo. *Grande Sertão: Veredas - Haroldo de Campos sobre Guimarães Rosa*; <https://www.youtube.com/watch?v=tVTSZbWiyZA&t=6s> - 2014

CANDIDO, Antonio. *Grande Sertão Veredas: Antônio Cândido sobre Guimarães Rosa*, [https://youtu.be/n9YMb6S7VQ?si=ClA67US1\\_epstvL5](https://youtu.be/n9YMb6S7VQ?si=ClA67US1_epstvL5), 2014

CANDIDO, Antonio. In: Jornal da USP de 22/06/2018 - *Acervo da USP conta a trajetória de Guimarães Rosa*, <https://jornal.usp.br/cultura/acervo-da-usp-conta-a-trajetoria-de-guimaraes-rosa/>, 2018

CANDIDO, Antonio. *10 livros para conhecer o Brasil*, Revista Teoria e Debate - EDIÇÃO 45 - 01/07/2000; <https://teoriaedebate.org.br/2000/07/01/10-livros-para-conhecer-o-brasil/> - São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Imigrantes indesejáveis: A ideologia do etiquetamento durante a Era Vargas*. Revista USP – Número 119 - DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i119p115-130> outubro/novembro/dezembro, 2018

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Linguagem e Literatura* (conferência em Bruxelas – março de 1964 - páginas 137 até 174), In: MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*, Rio de Janeiro: Zahar, 2000

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*, São Paulo: Loyola, 2012

GATTAI, Zélia. *Chão de meninos*, Versão E-book, São Paulo: Companhia das Letras, 2011

JOSGRILBERG, Rui. *Hermenêutica de textos religiosos*. Revista Internacional d'Humanitats, Separata – Ano XX – 39/40, São Paulo/Barcelona: FEUSP & Univ. Barcelona, 2017

MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*, Rio de Janeiro: Zahar, 2000

MEDEIROS, Alexandre. *Riobaldo, filósofo: uma análise do discurso do personagem de Guimarães Rosa, a partir de Josef Pieper*, Revista Notandum 40 jan-abr 2016 CEMOrOC-Feusp / IJI-Univ. do Porto, 2016

MEDEIROS, Alexandre. *Grande Sertão: Guimarães Rosa e pistas-veredas para a educação*, Revista Convenit Internacional 30 (Convenit Internacional *coepita* 1) mai-ago 2019 - Cemoroc-Feusp / IJI - Univ. do Porto / Colégio Luterano São Paulo, 2019

MENDES DA ROCHA, Paulo. *Grande Sertão Veredas: Paulo Mendes da Rocha sobre Guimarães Rosa*, <https://youtu.be/aznbGxUMU78?si=5GgWwUvA9BAAZgFr>, 2014

NASCIMENTO, Élide Rugai do; SILVA, Flávia Corrêa da. *Pequena biografia política de Guimarães Rosa*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 84, (p. 85-99). DOI: 10.11606/ISSN: 2316-901X.v0i84p85-99; São Paulo: IEB-USP, 2023

OTTO, Rudolf. *The Idea of the Holy*. USA: Revenio Books - Version iBook – 2013

PIGNATARI, Décio. *Grande Sertão Veredas: Décio Pignatari sobre Guimarães Rosa*. <https://youtu.be/ODQPGaSWdkg?si=ciKyasUmOpNsLBrc>, 2014

PRADO, Adélia. *O jardim das oliveiras*, Rio de Janeiro: Record, 2025

PRADO, Adélia. *O poder humanizador da poesia*, Excertos da conferência (23.06.09), [https://www.smpcultura.org/vol\\_o\\_poder\\_humanizador\\_da\\_poesia.html](https://www.smpcultura.org/vol_o_poder_humanizador_da_poesia.html) - In Revista Dominicana de Teologia - Centro de Estudos Superiores da Ordem dos Pregadores do Brasil, Janeiro/Junho, 2009

PIEPER, O que é filosofia? São Paulo: Ed. Loyola, 2007

RAMOS, Graciliano, Ramos. *Linhas Tortas*, 1ª. Edição Digital, Rio de Janeiro & São Paulo: Ed. Record, 2016

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1965

SANT'ANNA, Sérgio. *Grande Sertão Veredas: Sérgio Sant'Anna sobre Guimarães Rosa*, <https://youtu.be/wac8VmfvFSU?si=cHE1b-3qvQ4pHOUe>, 2014

Recebido para publicação em 22-11-25; aceito em 02-12-25